



DOSSIÊ

Aspectos atuais da intermedialidade

organizado por

Aurora Gedra Ruiz Alvarez

Thaïs Flores Nogueira Diniz

APRESENTAÇÃO

■ **E**m seu ensaio de 2008¹, Claus Clüver afirmou ser o termo intermedialidade “relativamente recente para um fenômeno que pode ser encontrado em todas as culturas e épocas, tanto na vida cotidiana como em todas as atividades culturais que chamamos de ‘arte’” (p. 6). De fato, o que está sendo tratado nos ensaios que compõem este número dedicado “às múltiplas interfaces entre as mídias e os vários sistemas sógnicos, assim como às suas diferentes possibilidades de comunicação e de representação”, conforme anunciamos na chamada para este dossiê, são as várias maneiras com que esse fenômeno se expressa nas diversas “configurações”². Os textos aqui apresentados focalizam as teorias sobre Intermidialidade, a criação e a prática artística ocidental que inclui as artes tradicionais, mas também as novas tecnologias, resultando no diálogo entre o velho e o novo, o passado e o presente, a arte e a tecnologia e, eventualmente, entre a tradição e a inovação.

A amplitude do tema Intermidialidade propicia enfoques muito distintos, desde o estudo de relações genéricas entre os vários discursos associados à arte até análises de produtos culturais específicos. Dentre as questões mais gerais, incluem-se as discussões sobre a alegada universalidade da arte. Esse é o aspecto explorado no ensaio de Solange Ribeiro de Oliveira, que discute o entrelaçamento entre discursos históricos e etnográficos e objetos estéticos encontrados em diferentes épocas das mais variadas culturas. A complexidade desse tema torna-se matéria densa nas considerações da especialista e, ao mesmo tempo, instigante pela fluidez de seu discurso, que conduz o leitor ao longo de importantes reflexões acerca desse conceito e lança mão de diferentes objetos de artes e mídias com o propósito de percrutar o que neles há de universal.

Dentro desse enfoque mais geral encontram-se dois textos de caráter mais teórico. O primeiro é do professor Claus Clüver que, depois de descrever a trajetória do termo éfrase ao longo do tempo e discutir esse conceito segundo He-

1 Pós: 2 Revista do Programa de Pós-graduação em Artes, v. 1, nov. 2008.

2 Configuração é um termo usado por Irina Rajewsky para “texto” em seu sentido mais amplo.

ffernan e outros teóricos, com o rigor investigativo próprio de seus estudos, revisa, retifica e expande a própria definição, substituindo a expressão “configurações não verbais” nela constante pelas palavras “textos não cinéticos”, que se referem à televisão e ao cinema. Sobre esse novo olhar que o pesquisador nos oferece acerca da noção de éfrase, ele ainda justifica a necessidade de alterar o entendimento do conceito, usando, como ilustração, poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Eugene Gomringer, relacionados, respectivamente, a obras de Mondrian e Marcel Weiss, que não se encaixam nas conceituações anteriores de éfrase.

O texto de Miriam de Paiva Vieira também revisita o termo éfrase desde os gregos até muitos dos pensadores contemporâneos que não se furtaram a examinar um antigo tema, sempre renovado pelo tratamento dado pelos artistas. Nessa importante contribuição aos estudos desse assunto, a pesquisadora se ocupa não só em rerepresentar o conceito, mas igualmente em mostrar como a éfrase tem se prestado a diferentes funções nas várias obras em que está inscrita: de recurso retórico, esse fenômeno também acumula o papel de “fenômeno midiático”, fazendo nossas as palavras da autora.

No trato das questões mais específicas estão os textos que analisam produtos culturais voltados para as relações entre o texto verbal e outras artes e mídias – a pintura, a música, o teatro, a televisão, a fotografia e outras – ou eventualmente focados na relação entre essas artes/mídias entre si.

The shadow lines, obra de Amitav Ghosh, é o *corpus* de Eliana Lourenço de Lima Reis para a criteriosa investigação das relações entre o romance e a fotografia. Nesse trabalho, a éfrase também ganha prevalência no exame crítico da obra do escritor indiano-americano que dela se vale para estabelecer o diálogo do narrador-personagem entre o presente e o passado, flagrado em recortes colhidos das várias fotografias que vê ou que viu, e que, no ato enunciativo, o conduzem ao passado. Em sua leitura percuciente, a estudiosa prova que a éfrase desempenha função estrutural na composição do romance, bem como atua como elemento-chave para a constituição do narrador que busca não só reatar o fio das lembranças, mas também dar vazão à imaginação, recriando vivências que não ocorreram ou sondando, nas imagens, experiências que se ocultam atrás da pose das personagens, no anelo de decifrar o que está sob a armadura de rigidez e de contenção das pessoas representadas nas fotos.

André Soares Vieira debruça-se sobre a formulação teórica proposta por Walter Moser de que a Intermedialidade tem a sua arqueologia no diálogo entre as artes, apreendido já na Antiguidade e sempre presente nas diferentes épocas e contextos culturais. A partir desse princípio, o autor de “Simbolismo e intermedialidade” analisa com acuidade o quanto a pintura simbolista foi decisiva no posicionamento dos escritores acerca do processo criador na consecução da “arte pura”. Com o objetivo de discutir essa relação midiática (pintura-literatura), o pesquisador coteja importantes teóricos que se dedicaram a essa questão e avança suas reflexões com um exame substancial dos traços estéticos do Simbolismo que resultam dessa operação entre as mídias.

Sigrid Renaux revisita *O nascimento de Vênus*, de Botticelli, e desenvolve relevantes reflexões sobre as fontes de inspiração do pintor florentino: Hesíodo e Angelo Poliziano, dando a conhecer os índices de aproximação entre a pintura e os poemas *Teogonia* e *Estâncias para o torneio*, respectivamente, presentes na transposição da literatura para a consagrada composição plástica. Desse arca-

bouço cultural clássico, a pesquisadora avança no exame das repercussões do quadro de Botticelli na pintura de Di Cavalcanti e no cartum de Mauricio de Sousa, apontando relações inter e intramidiáticas estabelecidas entre objetos artísticos climatizados em outro contexto cultural.

Shakespeare é o tema do texto de Cecília Nazaré de Lima e Thaís Flores Nogueira Diniz. “*Hamlet in two interpretations: Fuseli and Liszt*” é um estudo interessante sobre a importância da obra de Shakespeare especialmente na cultura ocidental. As especialistas discutem a questão da adaptação das obras do bardo inglês em outras mídias e selecionam duas delas para analisar os processos estéticos utilizados na passagem de uma mídia a outra. Das várias composições de Henri Fuseli inspiradas em Shakespeare, privilegiam *Hamlet and the ghost* para examinar os meios que o pintor agencia para expressar o texto-fonte. Procedimento semelhante ocorre no exame da peça musical *Poema sinfônico n.º 10*, de Franz Liszt, momento em que, com sensibilidade e acuidade crítica, as estudiosas estabelecem as relações entre as soluções estéticas dadas pelo compositor húngaro para traduzir em música os conflitos de Hamlet e o estado emocional e os sentimentos de Ofélia.

O ensaio de Anna Stegh Camati também coloca em pauta o teatro shakespeariano para tratar do diálogo que *A midsummer night's dream* tece com a cultura, especialmente com o teatro da época de Shakespeare e os textos latinos, particularmente *Metamorphoses*, de Ovídio, discutindo o processo de (re)apropriação da tradição e da contemporaneidade. Focaliza também as teorias da adaptação, sob a perspectiva de Linda Hutcheon e Patrice Pavis, e as da Intermidialidade, à luz de Irina Rajewski, na discussão sobre o processo de transposição do texto dramático para o teatro, entendido aqui como todo o construto de mídias implícito na encenação. Questões de adaptação para o palco, de representação e de recepção são analisadas com muita propriedade, tomando a textualidade como ponto de partida.

Dos temas mais estudados pelos pesquisadores da Intermidialidade, hoje em dia, está a relação entre o cinema e a literatura, assim como a influência que uma dessas mídias pode exercer sobre a outra. Três dos ensaios aqui incluídos tratam dessas questões.

O primeiro é o de Maria Angélica Amâncio Santos, que se ocupa em seu trabalho com as referências intermidiáticas do cinema na literatura e com a “novelização” (“*novellisation*”), tratada segundo as teorias de Jan Baetens, que entende esse fenômeno como a criação do romance a partir do filme. A discussão teórica mostra-se eficiente, pela clareza na exposição dos conceitos, e oportuna, por oferecer uma leitura percuciente tanto do romance *Neige noire*, de Hubert Aquin, com o consistente exame das marcas do gênero roteiro que desconstroem a estrutura romanesca, quanto de *Cinéma*, de Tanguy Viel, com o estudo da transposição do roteiro do filme para o romance – a novelização –, que expõe os traços do gênero cinema dentro da composição romanesca.

A partir do estudo das já mencionadas relações entre cinema e literatura, o segundo texto, “*Film narrative in contemporary literature: an Argentinian example*”, explora o veio das referências intermidiáticas. Cristine Fickelscherer Matos apresenta um primoroso ensaio sobre duas narrativas de Tomás Eloy Martínez, em que investiga a presença dessas referências nos romances do escritor argentino, as quais atuam como (re)apropriações do *modus operandi* da montagem cinematográfica, tratada aqui conforme as elaborações teóricas de Vincent

Amiel. As reflexões teóricas e as análises dos textos legitimam a tese defendida pela autora de que a adoção das qualidades técnicas desse recurso filmico funciona como elemento fundamental na estrutura dos romances *La novela de Perón* e *Santa Evita*.

No terceiro texto sobre cinema e sua relação com a literatura, Maria da Luz Alves Pereira, ancorada nos estudos da adaptação, particularmente em Linda Hutcheon, discute questões cruciais desse processo e examina como se dá a instalação do gótico na versão de Fellini, “Toby Dammit”, um dos segmentos do filme *Histoires extraordinaires*, sem perder de vista o conto de Edgar Allan Poe, “Never bet the devil your head”, que lhe deu origem. Com muita sensibilidade e agudeza, analisa os recursos técnicos que trabalham na construção do gótico na narrativa cinematográfica, para dar vida aos dramas do homem da modernidade – um ser fragmentado e deslocado de seu mundo.

Os vários temas examinados nos ensaios aqui apresentados dão uma boa mostra do amplo espectro de questões tratadas pela Intermedialidade. Espera-se que esses textos contribuam para a área da pesquisa interdisciplinar no âmbito da Intermedialidade como subsídio, quer para a análise de obras compostas de duas ou mais mídias ou que combinem códigos ou convenções discursivas diferentes, quer para a descrição daquelas que forneçam um ponto de partida metodológico ou conceitual para explorar as relações inerentes a essas produções.

Aurora Gedra Ruiz Alvarez
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
Thaís Flores Nogueira Diniz
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)